

## ESTATUTO DA FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (\*)

Magnífico Reitor, ilustres Membros deste Conselho Universitário. Estamos aqui reunidos a fim de deliberar sobre o Estatuto da Fundação Universitária para o Vestibular, dando seqüência a uma tomada de decisão que poderá ter um significado histórico. Trata-se do coroamento de um processo que se originou na Câmara de Graduação do CEPE, quando aquele colegiado aprovou proposta de minha autoria no sentido de que a Universidade de São Paulo reassumisse o comando de seus exames vestibulares. O que, em agosto de 1973, parecia ser uma atitude apenas quixotesca de alguns que insistiam em desconhecer a pressão aparentemente irresistível dos fatos torna-se agora uma realidade palpável. Penso ter chegado o momento de fazer uma síntese dos motivos profundos que balizaram esta conquista da USP, pois o esquecimento deles talvez venha a significar a frustração dos objetivos mais nobres que verdadeiramente procurávamos. Explica-se, portanto, este meu discurso, o primeiro que trago por escrito a uma Sessão do Conselho, na qualidade de um de seus membros efetivos mais recentes. Perdoem-me o Magnífico Reitor e os Srs. Conselheiros se eu vier a cansá-los superando os limites humanamente suportáveis de um pronunciamento perante esta Casa. Magnífico Reitor, nossa presença aqui significa um desafio e uma resposta. Resposta para inquietantes indagações que não podem mais ser disfarçadas; desafio que acena para o futuro e que não deverá deter-se diante dos embustes, das mistificações e dos interesses mesquinhos que vêm fazendo da cultura, da ciência, do ensino e da pesquisa instrumentos para a consecução de pobres e imediatistas objetivos que nada têm a ver com a seriedade universitária, aquela mesma seriedade que justifica nossa existência profissional e em nome da qual o povo nos sustenta. Vejo a USP erguer a cabeça e dar um basta ao descalabro universitário, vejo a USP disposta, como é de seu dever, a lutar pela preservação da alma deste país, pois não terá alma qualquer nação que não valorize a cultura e a ciência como supremos bens do espírito humano. Somos a maior universidade do país e por isto mesmo aumentam nossas responsabilidades intelectuais e nosso dever de exibir uma conduta ética exemplar. É mais do que nunca, diante da progressiva deterioração dos padrões de ensino e pesquisa que vêm caracterizando a vida universitária entre nós, processo que parece minar até as melhores

(\*) Palavras do Prof. João Eduardo Rodrigues Villalobos pronunciadas em reunião extraordinária do Conselho Universitário realizada em abril de 1976.

instituições de ensino superior, o bom exemplo da USP se faz necessário. Acredito, Magnífico Reitor, que nossa missão, em face do contristador espetáculo oferecido pelo panorama educativo do país, transcende de muito o mero deliberar sobre o Estatuto de uma Fundação que se encarregará dos Vestibulares. Trata-se, sem dúvida, de uma deliberação importante, mas o realmente significativo, o que dá a verdadeira dimensão ao tema que iremos discutir é a atitude e a disposição de espírito que levaram a USP a chegar a este ponto, pois delas provêm as maiores esperanças de dias melhores para nossa Universidade e, muito possivelmente, para a instrução superior em geral. Ao resolver este Conselho, contra uma poderosa e influente corrente de idéias, modificar o atual sistema de exames vestibulares, é como se, finalmente, viessem à tona da consciência de todos nós insatisfações difusas e decepções que não ousávamos admitir, provocadas sobretudo por uma política nacional do ensino superior que parecia conduzir este nível da instrução a um infeliz caminho sem retorno. Em outras palavras, é como se redescobrissemos, surpresos, a verdadeira missão da universidade, nos lembrássemos dos quase sepultados motivos que levaram à criação da Universidade de São Paulo e que dela fizeram a maior e melhor instituição de ensino superior do país, reafirmássemos sua autonomia ameaçada. Acredito que tenhamos recobrado, Magnífico Reitor, a consciência quase adormecida do papel que nos cabe na vida cultural e científica da nação. Tomo a liberdade de reproduzir aqui comoventes palavras de um licenciado pelo Instituto de Matemática da USP, orador da turma de 1975, palavras que devem também ser nossas, porque nos falam da consciência de um autêntico universitário: “Ela (essa consciência) se alimenta basicamente da retidão do caráter, da preocupação ética, da participação social, da candura e da esperança próprias do adolescente, da percepção das situações humanas, da atividade cultural e científica como fim e não como meio — ela se alimenta de dignidade”. A indigência mental, o cinismo, o oportunismo político ou simplesmente a covardia intelectual e moral poderiam enxergar nas palavras daquele licenciado o mero reflexo de um preconceito elitista e poderiam mesmo ensejar a renovação dos surrados argumentos utilizados pelos cultivadores da mediocridade, como se esta fosse um bem social a ser promovido, como se o nivelamento por baixo pudesse ser um ideal a traçar os caminhos de um povo. Na verdade, aquelas palavras revelam inequivocamente que podemos nutrir a esperança de formar as autênticas elites de uma sociedade aberta, pois sempre haverá elites intelectuais e morais, venham de onde vierem, enquanto houver os que saibam dizê-las e respeitá-las. Que a lição do ex-aluno seja também a nossa lição, e que sejamos capazes de formar discípulos como aquele em escala cada vez maior, eis o que acredito deva ser nossa maior aspiração. Creio, Magnífico Reitor, que todos os presentes reconhecem o verdadeiro mestre naquele que se mostra capaz de educar discípulos que o superem, que levem mais longe a cultura, a pesquisa e o amor puro do saber. Não é missão do mestre rebaixar seu próprio nível moral e científico porque conformado com o que lhe parece ser a inevitável me-

diocridade do aluno; não é missão de um professor fazer racionalizações desse tipo e aceitar como inelutável o triunfo do pauperismo espiritual. Isto é ludibriar o aluno, é ludibriar a sociedade que mantém a universidade, é cometer um crime irreparável contra a inteligência e contra a nação. Por isso, Magnífico Reitor, resolveu a USP não mais permitir que outros decidissem sobre a qualidade do aluno que deveria freqüentar seus cursos, sem temer opiniões muitas vezes lastradas apenas na incompetência, na improvisação política ou em vorazes apetites comerciais, e confrontando suas razões com os que se empenhavam de boa fé na manutenção do sistema anterior. Qualquer que seja, entretanto, o resultado de nossas deliberações acerca dos instrumentos necessários para a realização dos vestibulares na USP, acredito firmemente que as decisões mais importantes, daqui por diante, dirão respeito a algumas alternativas fundamentais, pois de pouco valerá o que viermos a fazer no âmbito estrito das provas de seleção se não formos capazes também de definir com segurança a universidade que queremos. Assim sendo, Magnífico Reitor, teremos de decidir se nos deteremos diante dos embustes continuados daqueles que, disfarçados sob a capa de um humanitarismo equívoco e barato, pretendem persuadir-nos de que a universidade deve abrir suas portas até para os flagrantemente inaptos ou se zelaremos sempre pelo bom nível de nossos serviços, mais interessados na qualidade do que na quantidade; se nos conformaremos com a idéia de que um país subdesenvolvido só pode gerar ciência subdesenvolvida ou se, justificando o que custamos à sociedade, tudo faremos para que a seriedade intelectual, o espírito científico, que é o mesmo em toda parte, e o empenho em promover o progresso do saber sejam o apanágio desta universidade, já que o país, sob pena de suprimir-se como nação civilizada, não poderá dar-se ao luxo de dispensar o florescimento de algumas instituições de ensino superior de mais alta qualidade; se, passivos diante do processo de mobralização do país, rebaixaremos progressivamente o padrão de nossas exigências, ou se procuraremos encontrar os caminhos que permitam, ao contrário, o contínuo aperfeiçoamento da USP, sem atemorizarmo-nos com acusações demagógicas que pretendem inculcar no público a idéia de que uma usiversidade seletiva é um mal radical; se aceitaremos a universidade abastardada pelo uso indevido de suas potencialidades, como se fosse simples empresa submetida aos reclamos episódicos e freqüentemente irracionais do mercado, ou se saberemos, acima de tudo, despertar e manter em nossos estudantes o amor desinteressado pelo saber e pela cultura, começando por aproveitar-lhes intensamente os dotes de imaginação, de espírito criador, de integridade moral; se aceitaremos o argumento pueril segundo o qual o nível cada vez mais baixo dos alunos egressos da escola média obriga que se abrandem cada vez mais os critérios de seleção em todo o ensino superior, ou se saberemos mostrar à opinião pública que só boas universidades poderão criar os recursos humanos indispensáveis ao aprimoramento progressivo dos níveis inferiores da instrução, ou seja, que só instituições do mais alto padrão, em número cada vez maior, poderão romper o dramático círculo vicioso que faz sur-

gir do mau professor o mau aluno e deste o mau professor, em escala sempre crescente; se, em face da precariedade cultural que caracteriza o país, faremos coro com os que teimam em transformar a vida universitária numa imensa noite onde todos os gatos são pardos, isto é, se aceitaremos uma ambígua filosofia segundo a qual nada vale pois tudo se equivale, ou se, sem receios, saberemos promover e respeitar valores, dignificando os que souberem efetivamente destacar-se; se contribuiremos para que se institucionalize também aqui na USP uma inconcebível divisão entre os corpos discente e docente, que se instale como coisa normal e inevitável um confronto agressivo entre professores e alunos, ou se seremos capazes de fazer desta universidade uma verdadeira comunidade de criaturas identificadas pelo amor comum ao saber e pelo respeito à liberdade moral de cada um; se, temerosos de qualquer confronto, porém, cultivaremos um fácil companheirismo entre mestres e estudantes, de tal forma que a desejada cordialidade que sempre deve existir entre eles decambe para uma perigosa intimidade na qual se dissolve o respeito mútuo e tudo se permite, ou se saberemos exigir de todos redobrados esforços em suas atividades universitárias, convencendo-nos de que o regime das facilidades, embora cômodo para todos, transforma qualquer universidade numa imensa mistificação; se devemos continuar temerosos do livre trânsito das idéias ou se protegeremos, como é do nosso dever, a liberdade de manifestação do pensamento e o direito de cada qual às próprias idéias; se nos limitaremos a ser o reflexo de uma triste realidade nacional, vinculando nosso destino ao que há de mais negativo na vida deste país, ou se seremos também capazes, para além de compromissos políticos de curto fôlego ou de diferenças pessoais ou doutrinárias que entre nós possam existir, de interferir, nos limites de nossas possibilidades, nos destinos do Brasil, contribuindo para formar aquela liderança civil de que tanto se fala mas cada vez mais ausente. É o que eu tinha a dizer, Magnífico Reitor, ilustres membros deste Conselho, e aproveito a oportunidade para apresentar minhas congratulações ao Professor Orlando Marques de Paiva pela serenidade e altivez com que vem conduzindo o grave assunto dos vestibulares, com isto propiciando à USP a descoberta de um itinerário espiritual e científico mais rico e mais promissor.